



André Murraças

FILM NOIR

BICHODOMATO

© André Murraças, 2009

Revisão: Levi Condinho

Paginação: BdM

Concepção gráfica da colecção: Patrícia Flôr

Impressão e acabamento: Digital XXI

Depósito Legal: 312375/10

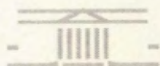
ISBN: 978-989-8349-07-1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (electrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

www.bicho-do-mato.pt

FILMNOIR

DE **André Murraças**



TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODOMATO

Film Noir, peça seleccionada para
Emergentes – Ciclo Novos Criadores / Novas Linguagens (2009),
estreou na Sala Estúdio do TNDM II, a 8 de Julho de 2009,
com encenação, cenografia e figurinos de André Murraças
e interpretações de Anabela Brígida, Maria João Falcão e Sofia Correia

PARTE 1

Cena 1

Música. Série de quadros sem texto a imitar cenas ao estilo film noir onde vemos o que aconteceu no passado da personagem de ELA 1. Uma mulher a fugir no escuro, um beco vazio, um carro a fugir na noite escura, uma luva no chão, uma sala cheia de fotografias de boxeurs, alguém perseguido na noite por uma lanterna. ELA 1 entra, com uma câmara fotográfica numa mão e uma faca na outra. Silêncio.

ELA 1 Letras gordas: Homem aparece morto.

Escuro.

Cena 2

Música. Série de quadros sem texto a imitar cenas ao estilo film noir onde vemos o que aconteceu no passado da personagem de ELA 2. Sombras que se movem, uma janela que deixa ver um homem, uma rua transpirando fundo, o som de uns saltos altos apressados. ELA 2 entra. Abre uma porta e fecha-se lá dentro. Depois vem espreitar de novo à porta, vê que está sozinha e olha para nós. Silêncio.

ELA 2 Agora sim, está tudo bem.

Escuro.

Cena 3

Música. Série de quadros sem texto a imitar cenas ao estilo film noir onde vemos o que aconteceu no passado da personagem de ELA 3. Uma sombra fumando um cigarro, uma pistola apontada, um telefonema rápido, um tiro forte. Contra uma persiana entreaberta, ELA 3 morre. Silêncio.

ELA 3 Não sou uma mulher como as outras.

Escuro.

Cena 4

Uma porta abre-se no escuro. ELA 1 entra com uma máquina de fotografar.

ELA 1 Tudo começou quando o meu marido me apanhou nos balneários com o Joe Speranza.

Ele tinha ido recolher umas apostas e eu meti conversa com um dos *boxeurs* que iam lutar no ringue naquela noite.

Desde que o Tony, o meu marido, foi para a guerra, que me dedico a tirar fotografias para um jornal.

Cubro a secção de boxe.

Fotografo campeões e se eles forem realmente campeões dou-lhes um destaque na primeira página.

Deixem-me que vos diga que há fotos que nem chegam a ser reveladas.

Sou das melhores.

Pagam-me muito bem para fazer isto.

O Tony é um pacóvio.

Sou eu que lhe pago as contas.

Sou eu que controlo tudo.

Eu é que decido.

Ainda no outro dia, quando me atirei pelas escadas abaixo para dar cabo do empecilho que tinha dentro de mim, pensei: qualquer dia, isto ainda acaba mal.

E se for para acabar mal, que seja nos braços musculados de um brutamontes do boxe.

Ele viu-me em cima do outro e não fez nada. Fugiu a chorar para perto do vendedor dos cachorros quentes.

No combate, o Joe Speranza acabou morto no tapete por causa de um soco que lhe abriu a cabeça ao meio.

O Tony não teve nada a ver com isso, mas eu achei que o devia meter na página dos óbitos.

Com direito a fotografia com uma faca nas costas e tudo.

Um sorriso para a câmara, vá lá.

*Levanta a câmara e fotografa o público. Sai.
A porta fecha-se.*